

RESENHA DO LIVRO EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE – PAULO FREIRE

Maria Betânia Leal Pereira¹

O presente texto trata-se da resenha descritiva do livro *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire. Sua primeira versão foi escrita em 1967, publicado pela editora Paz e Terra. Atualmente, a obra já está em sua quinquagésima edição, sendo este o primeiro livro do autor, escrita durante seu exílio no Chile na ditadura civil militar no Brasil.

O livro é dividido por prefácio, por textos iniciais, e pela apresentação sobre a obra do autor, feita por Francisco Correia Weffort, que é cientista político e admirador das ideias de Paulo Freire. Além disso, a obra é constituída por quatro capítulos, os quais: primeiro capítulo intitula-se *A Sociedade em Transição*, o segundo *Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática*, o terceiro *Educação Versus Massificação* e o quarto *Educação e Conscientização*. A obra conta com um total de cento e quarenta e oito páginas.

Paulo Reglus Neves Freire, mais conhecido somente como Paulo Freire, foi um importante educador e filósofo, conhecido também como Patrono da Educação Brasileira. Nascido em Recife no dia 19 de setembro de 1921, dedicou-se à Educação, sendo um dos mais importantes pensadores sobre a pedagogia no Brasil e no mundo. Ele é autor de importantes obra de referências mundiais como *Pedagogia da Autonomia*; *Pedagogia do Oprimido*; *Teoria e Prática da libertação*; entre tantos outros livros que esboçam suas ideias sobre educação.

A obra *Educação como prática da liberdade* foi escrita por Paulo Freire no ano de 1967. Pode-se dizer que esta obra é uma condensação das ideias centrais de Paulo Freire. Nela, assim como em suas outras obras, o autor compreende a realidade do país

¹Mestranda do Curso de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM.

e daqueles tantos outros em que seus povos são dominados por camadas dominantes. A desigualdade social, econômica, cultural plina sobre os indivíduos de tal forma que grande da parcela da população ainda não é se quer alfabetizada. É na prática educativa que se encontra o problema, mas é também dela que se encontra a solução do mesmo. Para ele, é por este meio que os indivíduos podem mudar esta estrutura a partir inicialmente pelo método da alfabetização, e posteriormente se reconhecendo como um agente transformador da sua própria história e da sociedade.

O primeiro capítulo é intitulado “A Sociedade Brasileira em Transição”, inicia-se trazendo o lugar do homem diante do mundo, colocando este homem com um “ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.” (FREIRE, 1967, p. 39). Ou seja, o homem é um agente ativo na sociedade, sendo ele o responsável pelas ações que transformam esta sociedade.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Freire ressalta o protagonismo do homem durante o tempo, na qual este não é mero espectador, pois através do que lhe é herdado através das experiências passadas e da sua própria vivencia, o homem adquire a capacidade de criar e recriar, de modificar o seu tempo, “integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo — o da História e o da Cultura” (FREIRE 1967, p. 41).

Essa integração do homem se torna possível no momento em que ele possui a consciência crítica, sem ela o homem se torna um ser sem liberdade, fazendo-o acomodado e sem grandes perspectivas, adaptando a realidade que lhe é posta, ao invés de modifica-la.

O autor na verdade faz essa explicação sobre o papel do homem em meio a história e cultura, não apenas para mostrar sua importância, mas sim para compreender e evidenciar a realidade brasileira. Este homem uma vez integrado e humanizado, se torna consciente do seu tempo e das suas ações nesse tempo, não agindo de forma impulsiva ou compulsória ou até automática.

A liberdade se dá através da consciência crítica, da capacidade do homem em fazer escolhas conscientes, não induzidos por determinados grupos que tem o poder de persuadir e direcionar o destino dos homens aproveitando talvez de sua ingenuidade e

falta de conhecimento. É neste sentido que autor caracteriza o homem moderno, aquele que acredita na perseverança ou na verdade que lhe é imposta, quando na verdade, este está impotente diante da realidade, acomodado, esvaziando-se da sua vocação natural que lhe é dada: a integração.

O autor pontua, como escrito acima, o homem é o sujeito capaz de mudar a sociedade, porém no momento em que este homem não possui a consciência crítica as mudanças passam ser vista pela ótica da naturalidade, ou seja, o homem fica limitado a uma sociedade fechada, que Freire a caracteriza como aquela que impõe, “comandada por uma elite superposta a seu mundo, ao invés de com ele integrado” (FREIRE, 1967, p. 48).

Diante dessa circunstância, o autor pontua o lugar daquele sujeito com consciência crítica, que é aquele que possui plena capacidade de saber e identificar a dominação que lhe é imposta, dos direitos abafados e retirados aos poucos, também sabe que é por meio dele que a verdadeira mudança deva partir. No entanto, muitas vezes, este homem é visto como radical, mas este, segundo o autor, não pode ter as mesmas características do opressor, nem tão pouco deva ser reacionário. Homem radical é aquele que age da reflexão.

O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendem impor silêncio. Dos que, em nome da liberdade, matam, em si e nele, a própria liberdade (FREIRE, 1967, p. 49-50).

Em seguida, Freire pontua que no Brasil, a supremacia sempre esteve nas mãos dos sectários, e não dos radicais. Sectários esses que podemos caracterizar como a direta conservadora presente no Brasil. “E isto é o que nos fazia temer pelos destinos democráticos do País. Pela humanização do homem brasileiro, ameaçado pelos fanatismos, que separam os homens, embrutecem e geram ódio” (FREIRE, 1967, p. 51).

O homem nesse processo, como diz o autor é imerso sendo um mero espectador das circunstâncias sociais. Só restava a este povo a emersão, quando este espectador se movimenta para a não aceitação desta passividade (FREIRE, 1967, p. 54). A mudança, a movimentação só ocorre por uma tomada de consciência, porém essa consciência não pode ser igual como ocorreu, de forma momentânea e assistencialista, em que o povo, é um doente que precisa ser cuidado, vinda de algum lugar ou de algum grupo, ou classe

social. O assistencialismo segundo o autor, “está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a “abertura” de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica” (FREIRE, 1967, p. 56).

Para Freire, “o que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. [...] É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repetamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas.” (FREIRE, 1967, p. 56). Ou seja, é o homem ter plena capacidade de decisão, e decisão essa de ser coerente com seu tempo, seu espaço, sua história, sua classe social, e principalmente não se enquadrando e nem se limitando entre aquelas “formas de domínio colonial” (FREIRE, 1967, p. 56).

Essa humanização do homem, se dá através da consciência crítica que o possibilita ter a liberdade do pensar, mas antes dessas etapas é necessário refletir que todo esse processo se dá por meio da educação. Por isso Freire escreve:

E esta passagem, absolutamente indispensável à humanização do homem brasileiro, não poderia ser feita nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta imporia no sentido de sua humanização (FREIRE, 1967, p. 57).

Um conceito que Paulo Freire aponta em seu livro é a da transitividade crítica, esta, segundo o mesmo, acontece na relação do homem com o mundo, no momento em que ele se integra às condições da realidade. “A transitividade crítica por outro lado, a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas” (FREIRE, 1967, p. 60).

No segundo capítulo, intitulada “Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática” — Freire aponta os supostos motivos de uma inexperiência democrática no Brasil, na qual segundo ele é uma questão estrutural dessa sociedade, “o Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. “Doente”. Sem fala autêntica” (FREIRE, 1967, p. 66-67).

Tentando encontrar motivos para essa inexperiência e desinteresse pela democracia o autor cita o historiador Caio Prado Júnior quando este coloca que a inexperiência política acontece nas classes mais populares no Brasil, ou seja, da grande parcela da população, e isso é explicado pela nossa história, que tem como princípio, a base escravocrata. A sociedade brasileira foi construída e ainda é mantida de acordo com as bases dos princípios coloniais, na qual esse sistema nunca teve a intenção de formar um sociedade democrática, crítica, pensante, “sua intenção preponderante era realmente a de explorá-la a de ficar “sobre” ela. Não a de ficar nela e com ela. Integrados. Daí, dificilmente virem animosos de trabalhá-la. De cultivá-la” (FREIRE, 1967, p. 68).

Ao lado disto, e possivelmente, em parte por causa desta tendência, marchou a nossa colonização no sentido de grande propriedade. Da fazenda. Do engenho. Fazendo e engenho, terras grandes, imensas terras, doadas às léguas a uma pessoa só, que se apossava delas e dos homens que vinham povoá-las e trabalhá-las.(FREIRE, 1967, p. 69).

O resultado disso está presente em todas as etapas da nossa história: uma sociedade, submissa, acomodada, incapaz de refletir sua própria realidade, na qual se “desenvolveu no homem brasileiro o gosto, a um tempo de mandonismo e de dependência, de “protecionismo”, que sempre floresce entre nós em plena fase de transição.” (FREIRE, 1967, p. 69).

Durante seu passeio pela história social, econômica, política e cultural do Brasil, o autor reconhece que por este caminho, na qual essa sociedade foi fundada, dificilmente o cenário seria diferente:

Oscilávamos entre o poder do senhor das terras e o poder do governados, do capitão-mor. A própria solidariedade aparentemente política do homem ao seu senhor, ao proprietário das terras, quando esta solidariedade se fez necessária com a importação da democracia política, era, antes de tudo, uma solidariedade aparentemente política. É que em todo nosso *background* cultural, inexistiam condições de experiência, de vivência da participação popular na coisa pública. Não havia povo (FREIRE, 1967, p. 71).

O autor conclui através desse percurso histórico, que o homem brasileiro sempre foi esmagado pelo poder, vindo de vários lugares e tempos diferentes: senhores das terras. “Poder dos governadores-gerais, dos capitães-gerais, do vice-reis, do capitão-mor. Nunca, ou quase nunca, interferindo o homem na constituição na organização da vida comum.” (FREIRE, 1967, p. 74). Contudo, olhando por outro parâmetro, o autor pontua como acima mencionado, a sociedade brasileira não teve experiência democrática, porém, devido a vasta miscigenação que ocorreu, pode-se

dizer que houve “democracia étnica” (FREIRE, 1967, p. 75), podendo esta justificar e evidenciar suas verdadeiras raízes.

O terceiro capítulo intitulado - “Educação “Versus” Massificação – o autor, diante de todo seu levantamento filosófico, conceitual e histórico sobre o homem e sobre a estrutura da sociedade brasileira nos capítulos anteriores, traz uma discussão para o campo pedagógico: tentando analisar de que modo essa área contribuiu e pode contribuir de uma educação que tentasse a passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica (FREIRE, 1967, p. 85-86).

Freire caracteriza a educação como uma maneira de livrar o homem alienação, da ingenuidade, da massificação, e de todos os preceitos que retiram a capacidade do homem de ser íntegro, no sentido literal da palavra. A solução seria a necessidade de fazer uma reforma profunda em que a educação, em que ela seja eficiente e capaz de enfim humanizar o sujeito homem. Porém, o autor esclarece diante de tanta problemática, que seria ingênuo pensar que a educação isolada conseguiria tais feitos, mas reitera que é somente por meio dela que ocorre de fato os instrumentos para as mudanças. “Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação.” (FREIRE, 1967, p. 93).

Essa educação é pensada no sentido de fazer o homem crítico, capaz de fazê-lo pensar numa nova forma de se relacionar com sua realidade, e com a realidade do todo, ou seja, como aponta o autor, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude (FREIRE, 1967, p. 94). Contudo, reconhece o autor, mesmo em um país com altos índices de analfabetismo, sendo este um ponto de extrema preocupação, é preciso também superar a inexperience democrática.

Todavia, a educação puramente pela educação, não faz do homem um sujeito integrado, humanizado. Segundo Freire, é preciso que a educação apresente condições para se fazer um diálogo, para que o homem realmente possa ser humanizado e íntegro, e isso será possível por meio da intrínseca relação entre a prática e a teoria, conhecido também pelo termo Práxis, ou seja, elas são indissociáveis, pois só assim se constitui seres autônomos no fazer e no pensar. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (FREIRE, 1967, p. 97).

O quarto e último capítulo - “Educação e Conscientização”, Freire apresenta dados da época, mostrando a quantidade de pessoas analfabetas de acordo também com a idade. Para além disso, apresenta seu método ao leitor, mostrando os caminhos para a prática da educação libertária, e na medida que o texto discorre, é feito e mostrado suas implicações e justificativas descritas também nos capítulos 1,2,3.

Entre estes caminhos para a realização do seu método como fonte alfabetizadora (no sentido inicial, com a finalidade da leitura, não mecânica para posteriormente e conseqüentemente no sentido de fazer com que o homem deixa seu estado de ignorância), o autor descreve, “o “Projeto de Educação de Adultos”, através do qual lançáramos duas instituições básicas de educação e de cultura popular: o “Círculo de Cultura” e o “Centro de Cultura”.” (FREIRE, 1967, p. 102). Com uma forma de fazer experiência e com o intuito emancipatório, libertador e consciente, esta proposta educacional de Freire tem como características os elementos básicos para que os anseios de uma sociedade democrática enfim nasça: pautada no diálogo, na crítica e criticização, na motivação, na descodificação, no sentido de valorização e não memorização:

[...] estabelecido o vínculo semântico entre ela e o objeto a que se refere, representado na situação, apresenta-se ao educando, noutro *slide*, ou noutro cartaz ou noutro fotograma - no caso de *stripp-film* - a palavra, sem o objeto que nomeia. Logo após, apresenta-se a mesma palavra separada em sílabas, que o analfabeto, de modo geral, identifica como “pedaços”. Reconhecidos os “pedaços”, na etapa da análise, passe-se à visualização das famílias fonêmicas que compõem a palavra em estudo (FREIRE, 1967, p. 115).

Dando sentido a cada palavra aprendida, pois as palavras querem transmitir algo, além do que se lê, elas possuem significados e uma relação diretamente ligada a realidade do homem. Com isso o método proposto por Freire consistiu num processo que recorre a frases de estruturas semânticas, sintáticas e fonéticas muito simples, como exemplo de frases assim, podemos dizer “a pipoca pula na panela” - e assim por diante. Esse método se concentrou na realidade de vida dos adultos e dos trabalhadores, pois seria mais fácil para o entendimento deles utilizar palavras que faziam parte de suas realidades. A “palavra geradora” são essas palavras recorrente na vida desses trabalhadores. No momento que eles decodificavam os fonemas de cada palavra geradora, era possível usar esses mesmos fonemas para reproduzir outras palavras e ampliar ainda mais seu vocabulário e repertório.

Essa metodologia se pauta na identificação e representação da vivências dos educandos, ao invés da metodologia tradicional mecanicista e padronizada, em que se utiliza mais a memória, do que os próprios recursos e mecanismo de aprendizagem. Como posto pelo autor, “o que se há de fazer é proporcionar-lhes que se conscientizem para que se alfabetizem.” (FREIRE, 1967, p. 119).

No final de seu livro, na parte descrita como Apêndice, o autor explica sua obra no sentido de justificar o porquê a necessidade e até a urgência da Educação como prática libertadora:

Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que, implicando em todo este esforço de reflexão do homem sobre si e sobre o mundo em que é com que está, o faz descobrir “que o mundo é seu também, que o seu trabalho não é a pena que paga por ser homem, mas um modo de amar - e ajudar o mundo a ser melhor (FREIRE, 1967, p. 142).

Nesse sentido, como conclusão, a presente obra além de sintonizar o leitor para a realidade do período, em que mais de grande parcela da população adulta era analfabeta, a mesma utiliza um percurso histórico como forma de legitimar e explicar o porquê a sociedade brasileira foi se constituindo dessa maneira, como mostrado nos capítulos iniciais. Além disso, o autor apresenta seu método como uma saída para emancipar o homem e como conseguinte, essa sociedade brasileira, que historicamente se viu reprimida, limitada e frágil a uma educação de fato libertadora.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE; Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra LTDA, 1967.